

A pró-existência de Heinz Schürmann

The pro-existence of Heinz Schürmann

Everaldo Bon Robert

Resumo

Na trilogia “Jesus de Nazaré”, Ratzinger utiliza o termo “pró-existência”, cunhado pelo exegeta alemão Heinz Schürmann, afirmando que tal conceito apresenta não só um aspecto da vida de Cristo, mas a dimensão mais íntima e integral, que possibilita ao homem entrar em seu mistério e compreender também o significado de ser seu discípulo: segui-lo. Pergunta-se, então, como Heinz Schürmann concebia a pró-existência? Segundo ele, Jesus foi o homem que viveu totalmente descentralizado: viveu para “os outros” em dupla direção, vertical e horizontal: para o Pai e para os homens; fez de sua vida um serviço, uma entrega, que alcançou seu ápice através de sua morte. Jesus não só redimirá a humanidade dos seus pecados, como também, por meio de seu exemplo pró-existente e abertura, libertará o homem da escravidão do seu próprio “eu”. Schürmann aponta como fundamento último da pró-existência de Jesus a própria vida intra-trinitária. Como consequência, Cristo se apresenta como o “homem novo”, o “último Adão”, doador da vida e que abre ao homem o próprio projeto original de Deus. Schürmann conclui que a vida só tem sentido quando o homem adentra no mistério da morte de Cristo, que levará o homem à remissão da culpa, a libertação do próprio “eu” e tornará a pessoa capaz do serviço, para Deus e para o próximo, para o bem da sociedade e de toda a criação.

Palavras-chave: Pró-existência. Schürmann. Cristologia. Ratzinger. Cristologia de Ratzinger.

Abstract

In the “Jesus of Nazareth” trilogy, Ratzinger uses the term “pro-existence”, coined by the German exegete Heinz Schürmann, stating that such a concept presents not only an aspect of Christ’s life, but his most intimate and integral dimension, which enables man to enter into his mystery and to understand does it means to be his disciple, to follow him. How can we understand Heinz Schürmann conceived pro-existence. According to Schürmann, Jesus was the man who lived totally decentralized: he lived for “others” in a double dimension, vertical and horizontal: for the Father and for men; made his life a service, a delivery that reached its apex at his death. Jesus will not only redeem humankind from its sins, but also, by his pro-existing example and openness, will free man from the bondage of its own self. Schürmann points as the very foundation of Jesus’ pro-existence his own intra-Trinitarian life. Therefore, Christ presents himself as the “new man”, the “last Adam”, the giver of life and the one who opens man to God’s own original design. Schürmann concludes that life only makes sense when one enters the mystery of the death of Christ, which will lead man to the remission of guilt, to the liberation of his own self, and will make the person capable of service, both to God and to the neighbor, for the improvement of society and of the whole creation.

Keywords: Pro-existence. Schürmann. Christology. Ratzinger. Christology of Ratzinger.

Introdução

Ratzinger em sua trilogia “Jesus de Nazaré”, fruto da sua maturidade espiritual como homem de fé e teólogo pesquisador da figura de Jesus de Nazaré, utiliza por quatro vezes o termo “pró-existência”: duas incidências no primeiro volume: *Do batismo no Jordão à Transfiguração*,¹ e duas incidências no segundo volume: *Da entrada em Jerusalém até a ressurreição*,² afirmando ser este um conceito chave para o entendimento da pessoa e da missão de Jesus, bem como o significado de segui-lo. Na incidência mais importante afirma:

Toda sua natureza [de Jesus] se define como “pró-existência”, um existir não para si mesmo, mas para os outros; não apenas como uma dimensão qualquer dessa existência, mas como aquilo que constitui o seu aspecto mais íntimo e integral. O seu ser como tal é um “ser para”. Se conseguirmos entender isso, teremos então nos aproximado verdadeiramente do mistério de Jesus e compreenderemos inclusive o que significa seguir a Jesus.³

Enquanto Ratzinger apenas afirma ter sido esse termo muito enfatizado pelo exegeta alemão Heinz Schürmann,⁴ J.-Y. Lacoste atribui a própria alcunha do termo “pró-existência” à Schürmann.⁵ Já Kasper discorda ao afirmar que o termo foi cunhado pelo exegeta protestante W. Schmauch e, posteriormente, assumido por Schürmann e Thüsing.⁶

Schürmann, por sua vez, apresenta Ratzinger como um dos teólogos contemporâneos que utiliza a imagem de Jesus pró-existente na sua Cristologia.⁷

Este estudo objetiva propor uma síntese de como Schürmann apresenta a pró-existência nas suas obras *Como Jesus entendeu e viveu sua morte? Reflexões exegeticas e panorâmica* e *Reino de Deus e destino de Jesus: A morte de Jesus à luz do seu anúncio do Reino*, para a compreensão do conteúdo e da extensão da afirmação de Ratzinger na sua trilogia *Jesus de Nazaré*.

1. A situação da humanidade depois do pecado

Segundo Schürmann, ainda que o Batismo realize a remissão do pecado original, suas consequências funestas permanecem no homem, pois caso não sejam combatidas, crescem dia após dia histórica e socialmente, com o risco de corromper a sua autêntica essência que, como pessoa, deve entrar em relação com o próximo e colocar-se ao seu serviço.

O egocentrismo tornou-se como que uma segunda natureza do homem. Tal enfermidade impede o homem “de viver como pessoa, e de amando se tornar ‘pessoa’, (...) de ser ‘um homem para os outros’, de servir, para ir além de si próprio pró-existentemente, de ‘transcender’ a si mesmo”.⁸

¹ RATZINGER, J., Jesús de Nazaret: Desde el bautismo en el Jordán hasta la transfiguración, p. 362, 379.

² RATZINGER, J., Jesús de Nazaret: Desde la entrada en Jerusalén hasta la resurrección, p. 488, 517–518.

³ RATZINGER, Jesús de Nazaret: Desde la entrada en Jerusalén, p. 488.

⁴ RATZINGER, Jesús de Nazaret: Desde la entrada en Jerusalén, p. 517–518.

⁵ J.-Y. Lacoste assim define a “pró-existência”: “termo forjado pelo exegeta Heinz Schürmann (1913-1999) que caracteriza a experiência de Jesus como uma “existência para” os outros: existência voltada ao Pai, existência voltada aos homens e vivida para eles. As cristologias e soteriologias recentes utilizaram abundantemente o termo. Aparece também no contexto eclesiológico a propósito das comunidades cristãs que vivem na “diáspora” em sociedades des cristianizadas ou não-cristãs” (LACOSTE, J.-Y., Proesistenza, p. 1066).

⁶ KASPER, W., La misericordia, p. 223, nota 16.

⁷ SCHÜRMAN, H., ¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?, p. 148.

⁸ SCHÜRMAN, H., Regno di Dio e destino di Gesù, p. 129–130.

Pelo contrário,

a essência e o modo de ser de Deus não é, em última análise, “egocêntrico” como o de todo ser criado, que tem passado e futuro, mas simples entrega, que dá a si mesmo, “amor para” como relação de amor. De fato, “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). Mas este modo de ser e esta essência pró-existente a encontramos também em Jesus, no Filho que é também consubstancial.⁹

Jesus, em sua grande missão, foi capaz de descer às trevas da humanidade para que, pela libertação do homem do seu próprio eu e abertura ao serviço, pudesse levá-lo à libertação da culpa, à sua plenitude e salvação.¹⁰ Nas palavras do número 22 da *Gaudium et Spes*, Cristo revela o homem ao próprio homem e revela-lhe a sua vocação cristã¹¹.

De fato, desde o momento do seu nascimento, o homem começa a morrer, não só do ponto de vista biológico, mas também do espiritual e como pessoa, pois, à medida em que se relaciona com o próximo, reconhece o “tu”, e aprende a fazer renúncias e deixa de lado o seu “eu” egoísta, motivado pelo amor. Quanto mais o homem vive a morte pessoal por dizer “tu”, mais vive e encontra o seu próprio “eu”. Assim se entenderá perfeitamente o conteúdo das palavras de Jesus em Mc 8,35: “Quem quiser salvar sua vida perdê-la-á; mas quem perder sua vida por causa de mim e do Evangelho, salvá-la-á”. Conclui Schürmann, a “decisão fundamental da minha vida é se quero viver por viver (para mim) ou se quero viver (para os outros) para servir”.¹²

2. A pró-existência de Cristo

Uma vez que Cristo não é um apêndice da história, mas o centro de onde tudo parte e tudo gravita, surge então a questão sobre a pró-existência em Cristo.

Aparentemente, afirma Schürmann:

Quando falamos de pró-existência em Cristo, perguntamos pela existência e não tanto pela essência. Porém, quando falamos de pró-existência consideramos não só um *modus vivendi*, mas a própria essência de Jesus, que é a forma na qual foi criado o homem.¹³

Jesus foi o homem que viveu totalmente descentralizado: viveu para “os outros” em dupla direção: vertical e horizontal. “Em Jesus de Nazaré, parece ir ao nosso encontro uma pessoa que, no lugar do coração egoísta dos homens, dispõe de um “espaço livre”; do qual flui um amor radical para Deus e para o próximo”.¹⁴ Os Evangelhos nos apresentam Jesus como aquele que viveu um verdadeiro comprometimento com os rejeitados pela sociedade, com os pobres e os pecadores; que o conduziu à doação da própria vida em prol da salvação da humanidade. Ele foi um homem para os demais, somente porque despojou-se de si mesmo “para se entregar em favor de muitos” (Mc 14,24).¹⁵

Jesus foi uma dádiva ao próximo (sentido horizontal) porque viveu em plenitude para o seu Pai (sentido vertical), o “Totalmente outro”.¹⁶ “Só uma pessoa desenraizada e arrancada do próprio eu por Deus desde o ventre materno pode se “entregar” de maneira tão radical em favor da salvação do mundo”, afirma Schürmann.¹⁷

⁹ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 137.

¹⁰ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 129–130.

¹¹ GS 22.

¹² SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 119.

¹³ SCHÜRMAN, H., *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?*, p. 145.

¹⁴ SCHÜRMAN, H., *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?*, p. 148.

¹⁵ SCHÜRMAN, H., *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?*, p. 146.

¹⁶ SCHÜRMAN, H., *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?*, p. 146.

¹⁷ SCHÜRMAN, H., *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?*, p. 147.

O centro da revelação de Deus ao homem se encontra no Evangelho. O Evangelho pode ser resumido em uma única palavra (grega) *hyper*, (latina) *pro*, (portuguesa) *por*. Deus que “é por nós” (Rm 8,31), veio ao nosso encontro, e Ele é amor (1Jo 4,8.16). A vida de Jesus que encontramos nos Evangelhos nada mais é do que uma parábola, no dizer de K. Barth, uma representação visível desta verdade.¹⁸ Esta palavra “por” “lança luzes sobre a essência de Jesus, sobre o seu mistério sobre-humano e ultra-terreno”.¹⁹

O anúncio que Jesus fez da *Basileia* foi fundamentado na sua pró-existência, na entrega que ele fez de si em sua pregação, seu servir, e que culminou com o sacrifício da sua própria vida, como um destino a ser realizado. Sua morte deveria ser interpretada não como um falimento do anúncio do Reino, mas sim como algo intimamente necessário à própria *Basileia*.²⁰

No seu anúncio,

Jesus não deu aos seus discípulos normas que disciplinassem o seu comportamento, mas uma única máxima, um princípio fundamental: “aquele que quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos” (Mc 9,35). Jesus fez assim da sua própria lei de vida a lei fundamental dos seus.²¹

O característico de Jesus, como se observa, é a inclusão da sua pessoa na sua “causa”. A sua vinda é a vinda de Deus ao mundo; Ele mesmo se apresenta como a irrupção do Reino. Ele é, portanto, a personificação de sua causa e “essa identidade de pessoa e causa de Jesus representa o autenticamente *proprium christianum*”.²²

Jesus se deparou no seu tempo com situações de injustiça tanto social, quanto econômica e política, no entanto não se fez especialista econômico ou político. Sua preocupação era o interior, o coração do homem, que devia ser renovado, era iluminar com o Espírito a história do pecado,²³ o que aconteceria oferecendo sua própria vida em oblação e, a partir daí, iluminar toda realidade humana e renovar todas as coisas.

Schürmann leva, portanto, à conclusão de que o modo pró-existente com o qual Jesus fez de sua vida um serviço, uma entrega que chegou ao seu ápice na sua morte, constitui a sua mais íntima essência. É marcada pela pró-existência não só sua vida, sua morte, mas também a própria existência do “Deus por nós” (Rm 8,31), Aquele que se entregou “por todos nós” (Rm 8,32).²⁴

3. Jesus deu algum sentido à sua morte?

Respondendo a Bultmann que afirmava que não podemos saber se Jesus deu algum sentido à sua morte, Schürmann afirmou ser muito importante, para a compreensão de Jesus e de sua obra, observarmos qual foi sua atitude com relação ao seu destino, à sua morte. Quanto mais plenamente vivida, tanto mais será considerada como própria e autêntica a morte de uma pessoa. A morte de Jesus foi uma morte autêntica pois ele a viveu com uma pureza única e uma entrega inigualável: é a morte do Filho “entregue” pelo Pai (Rm 8,32; Jo 3,16), do Filho que se entregou a si mesmo (Gl 2,20; Ef 5,2.25), uma morte salvífica, expiatória; possível unicamente por ser vivida por uma pessoa que abraçou a radicalidade da pró-existência, do “ser para”.²⁵

Citando Gnilka, Schürmann afirma que Jesus

¹⁸ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 107.

¹⁹ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 117.

²⁰ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 56, 61.

²¹ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 120.

²² SCHÜRMAN, H., *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?*, p. 147.

²³ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 133.

²⁴ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 128.

²⁵ SCHÜRMAN, H., *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?*, p. 15.

Viveu para os homens e ao mesmo tempo morreu com uma morte orientada à salvação deles. O “por vós” ou o “por muitos” que se encontram na tradição da última ceia são aquela interpretação da morte que coincide completamente com a intenção do Jesus histórico.²⁶

Muitos elementos da vida de Jesus nos permitem supor que ele não foi surpreendido ingenuamente pela morte, nem apenas a aceitou como um mártir em benefício de sua causa. Desde o começo de sua pregação e anúncio do reino, ele a tinha diante dos olhos e viveu nessa perspectiva, como manifestação plena do seu amor e da sua entrega.²⁷ Como exemplos podemos ver: a sua última viagem à Jerusalém (Mc 11,1-11); a purificação do templo (Mc 11,15); toda a preparação para a celebração da Páscoa como sua ceia de despedida (Mc 14,12-25); a sua atitude de não só não procurar proteger sua vida a todo custo e, a partir do convite feito por ele aos seus discípulos, de não recusar a Cruz (Lc 14,2; Mc 8,34), e segui-lo até o martírio (Mt 10,28).²⁸ De modo especial, com relação à última ceia, afirma Schürmann que Jesus não agiu de forma passiva, mas indicava uma atitude ativa, ao caminhar voluntariamente em direção à Paixão, na qual ele “se entrega por completo à busca da ovelha perdida e coloca em jogo sua existência em benefício dos oprimidos. Esta existência voltada em favor dos homens ameaçados se fundamentava e sustentava no envio de Jesus pelo Pai”.²⁹

A morte de Jesus foi uma verdadeira “expição vicária”, um serviço prestado aos homens, à sociedade e a todo o cosmos.³⁰ Já encontramos essa ação vicária no Antigo Testamento, quando Deus ordenou o sacrifício de animais no templo. Qual era o significado de tal sacrifício? Ao oferecê-lo, o homem reconhecia o seu pecado e a sua infidelidade diante de Deus e ser merecedor da morte. Como não podia oferecer a própria vida, o animal o substituíu. Nesse culto, o homem realizava um ato de fé e de confiança no perdão de Deus.³¹

A morte de Jesus, vivida como uma entrega “para” os homens, deve ser entendida como uma morte vicária: ele oferece sua vida “no lugar de”, como expiação de suas prevaricações e “em favor de”, “para” sua salvação eterna.³² Porém, a expiação vicária não é uma ação humana, só em Cristo se cumpre verdadeiramente a ideia da substituição do Antigo Testamento, pois “é o amor de Deus que, por fim, deve ‘vicariamente’ levar e suportar o pecado. Só no Homem-Deus, Jesus Cristo, se cumpre plenamente a ideia da vicariedade, pois o acesso humanamente vicário para os pecadores se torna sinal ‘sacramental’ do acesso vicário de Deus”.³³

O homem não pode sair sozinho do seu egoísmo e da sua culpa. É pela morte de Jesus que ele é soerguido da sua culpa e libertado do seu próprio “eu”, mediante um encontro com o fogo do amor divino que o purifica e redime.³⁴

Schürmann afirma que a morte de Cristo na Cruz demonstrou também o sofrimento do Pai pelo pecado. A crueldade da morte de Jesus revela que o Pai vê o pecado não apenas como uma “debilidade” ou “fraqueza”, mas como algo muito grave por parte do homem. De certa forma, o Pai compadeceu a morte de seu Filho: ao enviá-Lo, o Filho se rebaixou, espoliou-se e humilhou-se até a morte na cruz para que alcançássemos a vida eterna.

Sua morte é remédio não só para as contingências do mundo como para a própria morte, mas também para todo o afastamento de Deus, eco de seu grito na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me

²⁶ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 87.

²⁷ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 122.

²⁸ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 123.

²⁹ SCHÜRMAN, H., *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?*, p. 104.

³⁰ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 128.

³¹ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 134.

³² SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 133.

³³ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 135.

³⁴ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 132.

abandonastes?” (Mc 15,34). O Filho fez-se, no dizer de São Paulo, maldição, para que o homem pudesse receber o espírito (Gl 2,20); pecado, para que se tornasse justiça de Deus (2Cor 5,21). Em Jesus, Deus fez-se homem para assumir o lugar do homem, em um *admirabile commercium*, cumprindo assim a ideia da expiação vicária. Portanto, o Pai teve que dar muito e Jesus pagou um preço muito alto para que o homem pudesse ser resgatado do pecado e de suas consequências.³⁵

A morte de Jesus tem importância não só por ser ela causa de nossa redenção e salvação, mas também por nos revelar o sentido mais profundo que animava as suas ações. “A luz definitiva que faz patentes as palavras e ações de Jesus, assim como a intenção que se encontra nelas, emana do contexto do seu destino e do comportamento de Jesus consoante a este destino”.³⁶ Daí a importância de se perguntar como Jesus viveu sua morte.

Citando L. Ruppert, Schürmann afirma que Jesus entendeu a sua morte não só a partir da semelhança da morte dos profetas, como mártir, mas como o servo sofredor de YHWH de Is 53, o justo que sofre pela expiação “de muitos”, mas também, num sentido escatológico, como uma “entronização na realidade escatológica do Filho de Deus”.³⁷

Logo depois da Páscoa, os primeiros cristãos reconheceram a morte de Jesus como uma verdadeira “entrega” (Cl 1,4; 2,20; Ef 5,2.25; Tt 2,14; 1Tm 2,6) “fundada no ‘dom de Deus’ (Rm 4,25; 8,32), e, ainda de maneira mais profunda, como um ‘morrer para’”.³⁸ Entendia-se, desde o início, por cristão aquele que cria e confiava no fato de que Cristo, por obediência ao Pai, havia oferecido sua vida pela salvação da humanidade. Objetivamente, este era o único sacrifício capaz de reconciliar o homem com Deus e, subjetivamente, “só a fé, cheia de amor e de esperança, na vicária morte de expiação de Jesus”³⁹ é capaz de trazer a salvação ao pecador.

Schürmann afirma que, com a sua morte na Cruz, Jesus não apenas redime a humanidade dos seus pecados, mas também, pelo seu exemplo pró-existente liberta o homem da escravidão de seu próprio “eu”:

Observando Jesus, chama-nos a atenção o quanto ele era diferente de nós: ele era “o homem para os outros” e “para a totalidade dos outros”, o homem do empenho total, que já vivo morreu no seu serviço, entregando-se à sua missão. (...) Onde nós homens temos um coração voltado para si mesmo, Jesus tinha evidentemente – usando uma imagem perigosa – um “espaço vazio”. Ele não vivia de modo centrípeto, mas centrífugo, pró-existente, no “compromisso de Deus”, (H. U. v. Balthasar) no seu serviço de vida e em particular de morte.⁴⁰

4. A Trindade como fundamento da pró-existência

Buscando o fundamento último da pró-existência de Jesus, Schürmann aponta para a própria Trindade. João nos revela que em sua própria natureza, Deus é amor (1Jo 4,8), em função disso que Deus é também relação, entrega, ser para outros, amor que se dá de modo desinteressado. Esse amor e suas características se manifestam de forma visível na encarnação, morte e ressurreição de Cristo: Deus vem ao nosso encontro, “esvaziando-se”, descendo até o “inferno dos nossos pecados”, no momento em que o Pai entrega o Filho ao abandono e quando o Filho se entrega ao Pai a partir desse abandono.⁴¹

Na Trindade econômica, no fato histórico da redenção, conseguimos reconhecer a vida intratrinitária de Deus, a entrega tri-pessoal na própria vida imanente de Deus. Assim sendo, podemos afirmar que só podemos entender a entrega de Jesus como *kénosis* e *tapeinosis* a partir da eterna entrega de amor do Pai ao Filho e do consubstancial amor do Pai e do Filho, o Espírito Santo, que “é estritamente idêntico

³⁵ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 135.

³⁶ SCHÜRMAN, H., *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?*, p. 14.

³⁷ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 91.

³⁸ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 133, 19.

³⁹ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 15.

⁴⁰ SCHÜRMAN, H., *Regno di Dio e destino di Gesù*, p. 136.

⁴¹ SCHÜRMAN, H., *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?* p. 150–154.

ao evento”.⁴² O Espírito Santo é o “por nós” tanto da Trindade quanto de Cristo, e somente com influxo do Espírito Santo o homem pode se libertar do egoísmo e viver de modo pró-existente.⁴³

Portanto, a autotranscendência que encontramos na vida de Jesus deve ser entendida a partir da “descendente autotranscendência de Deus”,⁴⁴ daquele que é simples entrega, que dá a si mesmo, que é “amor para” e que quer estabelecer uma relação de amor com a humanidade. Com H. Mühlen, Schürmann afirma que “desde uma perspectiva da história da salvação, o ser da essência de Deus é a entrega ou autoentrega”.⁴⁵

Ainda que a esse “dar-se” trinitário de Deus só se pode aceder no mistério de morte e ressurreição de Cristo, encontramos uma certa alusão e prefiguração disto na própria criação, pois nela vemos o amor de Deus que, aniquilando-se a si mesmo, desce ao nada para criar. Esse amor de Deus assume as “divergências da criação, sofrimento e pecado; e que, ao final, se entregará a si mesmo como preço do resgate”.⁴⁶

5. Consequências

Pelo modo pró-existente como Cristo viveu e veio ao nosso encontro, ele se apresenta para a humanidade como o “homem novo”, o “último Adão”, doador da vida (1Cor 15,45) e que abre o homem ao próprio projeto original de Deus para a própria humanidade. Este “último Adão” é origem e meta que leva o homem à evolução - uma vez que Deus leva adiante na história não uma criação estática, mas evolutiva - pois “o amor que se entrega a si mesmo é a lei fundamental da evolução”.⁴⁷ Schürmann afirma que “no final de tudo, vê-se que o compromisso de Deus no compromisso de morte e na ressurreição de Jesus é o primeiro princípio da criação e da evolução”.⁴⁸

Os cristãos “do futuro”, que dão fluxo à evolução, serão os que viverão e se submergerão profundamente na entrega pró-existente de Cristo: verão a obscuridade de Deus no mundo, no sofrimento, no silêncio de Deus e nas limitações do humano, porém, nesta obscuridade “verão a luz”. Saberão unir-se a Cristo e fazer da própria vida uma “*kenosis*”. Vivendo de forma pró-existente, assumirão um compromisso total pelo mundo, solidarizando-se com todos e com cada um, de modo especial com os pobres e os abandonados de qualquer espécie. A própria espiritualidade do futuro terá como alma a imagem pró-existente de Cristo.⁴⁹

Conclusão

A partir do pensamento de Schürmann pode-se concluir que o modo pró-existente com o qual Jesus fez de sua vida um serviço, uma entrega que chegou ao seu ápice na sua morte, constitui a sua mais íntima essência, cujo fundamento se encontra na própria autoentrega da Trindade imanente.

Pode-se afirmar também que para o homem a vida só tem sentido quando ele entra no mistério da morte de Cristo, que o leva à remissão da culpa, à libertação do próprio “eu” e o torna capaz do serviço, vivendo em uma dupla dimensão: para Deus e para o próximo, para o bem da sociedade e de toda a criação.⁵⁰ A verdadeira e cabal pró-existência só será possível ultrapassando as barreiras do próprio “eu”, através da morte. Assumindo esta atitude pró-existente, o homem do futuro, movido pelo Espírito

⁴² SCHÜRMAN, H., ¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?, p. 155; SCHÜRMAN, H., Regno di Dio e destino di Gesù, p. 62, 137–138.

⁴³ SCHÜRMAN, H., Regno di Dio e destino di Gesù, p. 138.

⁴⁴ SCHÜRMAN, H., Regno di Dio e destino di Gesù, p. 137.

⁴⁵ SCHÜRMAN, H., ¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?, p. 156.

⁴⁶ SCHÜRMAN, H., ¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?, p. 156.

⁴⁷ SCHÜRMAN, H., ¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?, p. 157.

⁴⁸ SCHÜRMAN, H., ¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?, p. 157.

⁴⁹ SCHÜRMAN, H., ¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte?, p. 158–163.

⁵⁰ SCHÜRMAN, H., Regno di Dio e destino di Gesù, p. 139.

Santo e pela força do Ressuscitado, fará surgir uma nova sociedade: “este âmbito social é o povo escatológico de Deus no Espírito Santo, a Igreja”.⁵¹

Para o pesquisador de Ratzinger, é de muita importância o conhecimento do pensamento de Schürmann, uma vez que se verifica que Ratzinger, ao abordar a pró-existência em sua obra e em diversos aspectos de sua Cristologia, seguirá fielmente as linhas mestras acima expostas.

Referências bibliográficas

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual, 07 de dezembro 1965. In: **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, Decretos, Declarações. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982. pp. 141-257.

KASPER, W. **La misericordia**: clave del Evangelio y de la vida cristiana. Maliaño: Sal Terrae, 2015.

LACOSTE, J.-Y. Proesistenza. In: LACOSTE, J.-Y.; CODA, P. **Dizionario critico di teologia**. Borla: Città nuova, 2005. p.1066.

RATZINGER, J. Jesús de Nazaret: Desde el bautismo en el Jordán hasta la transfiguración. In: RATZINGER, J. **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2015. p. 93-380. v. VI/1. (Biblioteca de Autores Cristianos).

RATZINGER, J. Jesús de Nazaret: Desde la entrada en Jerusalén hasta la resurrección. In: RATZINGER, J. **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2015. p. 381-607. v. VI/1. (Biblioteca de Autores Cristianos).

SCHÜRMAN, H. **¿Cómo entendió y vivió Jesus su muerte?**: Reflexiones exegéticas y panorámica. Salamanca: Sígueme, 1982.

SCHÜRMAN, H. **Regno di Dio e destino di Gesù**: La morte di Gesù alla luce del suo annuncio del regno. Milano: Jaca Book, 1996.

Everaldo Bon Robert

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Campos dos Goytacazes / RJ – Brasil
E-mail: peeveraldo@yahoo.com.br

Recebido em: 29/09/18

Aprovado em: 28/03/19

⁵¹ SCHÜRMAN, H., *¿Cómo entendió y vivió Jesus su muerte?*, p. 149.